Rivanildo Segundo Guedes

PRECISAMOS FALAR SOBRE PECADO

MC

RIVANILDO GUEDES

PRECISAMOS FALAR SOBRE PECADO

MC
mundocristão
São Paulo

Sumário

Agradecimentos 9
Prefácio 11
Introdução 15

1. O mal que habita em nós 21
2. Uma triste história 33
3. A cultura do desejo corrompido 45
4. O caminho excelente 55
5. Se confessarmos 67
6. Desejo corrompido, imitação e comunidade 79
7. Desejos sublimes e gloriosos 89
8. Vencendo o desejo corrompido 99

Uma palavra final 107
Referências bibliográficas 109
Sobre o autor 111

Prefácio

Você se sente livre? O que fazer para se sentir plenamente livre? Essas são algumas das perguntas que Rivanildo Guedes nos faz nesta obra. Nada mais clássico, bíblico e contemporâneo.

Rivanildo é um teólogo movido por um desejo incontrolável de compreender o mundo atual. Essa força aparece nesta obra, assim como em sua inquietação cotidiana em busca do conhecimento para além dos muros da igreja e da teologia. Nesse movimento, ele realiza algo fundamental para uma ciência combalida como a teologia, atacada por todos os lados, inclusive por quem dela se vale. Como dizia Heine, falando dos teólogos liberais protestantes do século 19, "Só se é traído pelos seus".

A teologia no mundo contemporâneo se fez moda, filosofia marxista, teoria de gênero, política partidária,

marketing ético, ambientalismo, sindicato, autoajuda… Enfim, se fez tudo o que a tornasse mais palatável ao gosto popular por soluções fáceis que, *a priori*, retirem do homem o sofrimento do pecado como realidade íntima. Nos termos do autor, que retirem do homem a consciência de seu desejo corrompido.

O caminho do autor escapa dessas modas de denegação do pecado. Pelo contrário, traz para o seio desse conceito bíblico clássico o diálogo com o contemporâneo, revelando sua atualidade, ainda que sofrida. "O desejo é trágico" é uma constatação que resume esta obra naquilo que ela tem de diagnóstico psicológico, diria Kierkegaard. Mas essa tragédia peculiar implica naturalmente uma rota para além do pessimismo de Macbeth: quem escreve o roteiro da vida não é um idiota, mas um personagem bíblico, Deus, que ama os corajosos, capazes de enfrentar a tragédia de um desejo obcecado por criaturas (entre elas seu próprio ego), como diria Agostinho em seu *O livre-arbítrio*. Um Deus que ama os humildes como o último Jó, que reconhece dolorosamente o desejo em ver-se como um homem perfeito e justo, um idólatra da própria virtude. Um Deus que se fez homem e perdeu a própria vida a fim de nos ensinar que só quem perde a si mesmo se salva.

Rivanildo é ousado. Gosta de roteiros trágicos. Por isso, traz para si dois autores amantes da tragédia do desejo, Sigmund Freud e René Girard. Para o primeiro, o desejo, lido pelo conceito de pulsão, confronta

o homem com o caráter ambivalente do ato de desejar: este é a causa primeira da manutenção da vida e sem ele somos mortos, mas, ao mesmo tempo, é ele mesmo que pode nos causar a destruição máxima, fazendo-nos vítimas de um desejar infinito, que nos consome sem paz. O inferno perpétuo de um desejo sem descanso.

Girard, por sua vez, percebeu como ninguém o caráter metafísico do desejo: o homem é um animal que deseja a eternidade e para isso mata tudo à sua volta, fazendo a vida morrer no altar de uma vida irreal. Imitando tudo ao seu redor que implique essa busca por uma eternidade regada a destruição, faz-se presa de uma lógica cujo roteiro se aproxima do diagnóstico mortal de Macbeth: som e fúria a serviço do nada de sentido.

Feitos para amar a Deus acima de tudo, movidos por vaidade, revolta e cegueira adâmicas (mais uma vez, Agostinho), desviamos o desejo de seu "objeto infinito", que é Deus, em direção à insustentável criatura. Com isso, acabamos por nos prender à cadeia eterna do vazio e do nada.

A tessitura desse processo, que nos leva de um diagnóstico ao diálogo com uma proposta de redenção, é o que nos propõe o autor. Proposta essa que enlaça o clássico, o bíblico e o contemporâneo sem a tentação da banalidade do bem. Guedes escapa do ressentimento e do medo, marcas dessa banalidade. O bem também é trágico porque supõe a coragem de buscar

uma esperança para além das fórmulas. Essa busca por fórmulas é marca de um mundo saturado de medo inconfesso como o nosso. Nunca houve na face da terra uma humanidade mais assolada pelo medo que a nossa. Um medo invisível, como tudo que deita raízes no eterno.

Segundo o grande africano, Agostinho, só se é livre quando se ama. Porque o amor é aquele que faz você esquecer que existe. Proponho eu, também, um teste. Pense se os melhores dias da sua vida não são exatamente aqueles em que você nem se lembra da própria existência.

A tradição hassídica (mística judaica vigente no Leste Europeu durante os séculos 18 e 19) conta que, certa feita, um justo morre e vai para o céu. Ao chegar lá, conversando com Deus, ouve um ruído terrível vindo de uma sala fechada. Deus lhe diz que aquela sala é o inferno. O justo pergunta a Deus o que eles gritam atrás daquela porta. Deus abre a porta e o justo pode, então, entender a palavra que repetem indefinidamente: "Eu, eu, eu…".

Luiz Felipe Pondé
Filósofo, escritor, ensaísta, pós-doutorado em Epistemologia pela Universidade de Tel-Aviv e professor da PUC-SP e da FAAP.

Introdução

Li em um livro, certa vez, uma definição para o pecado da qual nunca mais me esqueci: *desejo corrompido.* De fato, tal definição faz todo sentido, pois o desejo é o pulsar da vida humana. Ninguém vive sem desejar. É o desejo que motiva as nossas ações cotidianas, desde a comida que escolhemos para o almoço até o tipo de roupa que compramos. A maneira como interpretamos o mundo ao redor e o valor que atribuímos às coisas que vemos no dia a dia são fruto do desejo que pulsa em nosso interior. Todas as nossas deliberações passam pelo crivo do desejo. Sabendo disso, Satanás jogou com o desejo de Eva, e ela, consequentemente, com o desejo de Adão. O desejo move tudo o que somos e fazemos. Se "desgovernado", pode causar muitos danos.

Muitos intelectuais e pensadores ao longo da história, de Platão a Sigmund Freud e René Girard, se debruçaram sobre o desejo humano, a fim de tentar entender por que ele é a motivação para as boas e as más ações. O desejo tem a capacidade de gerar o instinto de rivalidade no interior das pessoas, e este, por sua vez, é a razão para todos vivenciarmos o mal.

Eis uma das máximas utilizadas ao longo da história humana: o desejo não pode ser contrariado. Ao desejar um objeto, fazemos qualquer coisa para obtê-lo. Saciar o desejo do coração é a nossa principal meta na vida. Alcançar tudo o que os olhos desejarem é o nosso sonho.

Nós não desejamos sozinhos. Somos fruto dos desejos de outros. Respondemos com o nosso impulso interior ao desejo de outras pessoas, isto é, desejamos o que o mundo diz que devemos desejar. Foi por isso que o apóstolo João nos alertou para não amarmos o que há no mundo caído, visto que tudo um dia passará. O mundo caído é o padrão do desejo humano.

A nossa história de vida seria mais feliz se o desejo não tivesse se deixado corromper. O desejo, em si, é algo bom, uma vez que nos foi dado como um dom por Deus, o Criador. O desejo nos leva tanto a contemplar a beleza da natureza quanto a ofender aqueles que tanto amamos.

O pecado pretende nos separar de Deus. Ao dar ouvidos às sugestões sedutoras vindas de fora, permitimos

que um abismo se abra entre nós e o Senhor. Pecado é ruptura que gera morte. Não bastasse "apenas" nos distanciar de Deus, o desejo corrompido também nos aliena em relação a nós mesmos e ao nosso próximo. O pecado é capaz de nos exilar em uma terra distante, onde apenas o nosso ego pode habitar. E é por isso que ele nos torna egoístas, adoradores do próprio eu. O pecado tem a prerrogativa de nos cegar a ponto de não conseguirmos enxergar as necessidades e as demandas das pessoas que nos cercam.

Assim, à medida que o desejo se corrompe, desfaz-se em nós toda possibilidade de amar. Essa é a razão de o pecado estar sempre em total oposição ao amor. Quem vive no pecado tem apenas uma vaga noção do que seja o verdadeiro amor. Em outras palavras, quem faz das formas de morte — como luxúria, enganação, mentira e facção — o seu estilo de vida não pode ser perpassado pelo amor de Deus. Isso ocorre porque, para amar, é necessário andar com Deus, que é amor.

Ao ditar as regras do jogo da vida, o desejo corrompido tentará tomar conta de toda a nossa existência. Na verdade, ele é insaciável. As forças corrompidas que vêm do nosso ser interior tendem a exercer uma capacidade vulcânica de dominar nossas ações.

A melhor notícia é que o pecado não precisa ter a última palavra. O desejo corrompido pode ser redimido e transformado em amor divino. Em vez de vivermos para nós mesmos em nossa terra distante, é

possível habitarmos em comunidade, dando as mãos aos que nos cercam.

> *A melhor notícia é que o pecado não precisa ter a última palavra. O desejo corrompido pode ser redimido e transformado em amor divino.*

O apóstolo João diz que temos um Justo que intercede por nós e que nos perdoará e purificará de toda a injustiça, se confessarmos os nossos pecados, visto que ele é fiel e cumpre a sua Palavra. A voz da Lei que ressoa em nosso coração, declarando-nos culpados em razão do nosso persistente pecado, dará espaço à voz do Senhor, a qual atesta que somos justos e retos de acordo com a sua eterna graça.

Preciso confessar que, já nos tempos de seminário, muitos elementos da teologia não faziam sentido para mim. Não nasci em um lar evangélico; eu me converti aos 15 anos. Talvez por isso, considerava a teologia uma espécie de pessoa acerca de quem se falava muito, mas que, para mim, não fazia muita diferença. Assuntos como Trindade, pecado original, Lei, graça e fim dos tempos não eram temas que se "encaixavam" na linguagem do cotidiano.

Foi então que, anos depois, lendo vários autores e livros e, mais recentemente, me aprofundando em René Girard, passei a compreender que a teologia tem

tudo a ver com minha vida, em razão de como eu me situo como ser humano. O todo da teologia diz respeito à salvação que o próprio Deus resolveu empreender para nos tirar das nossas ilusões. Jesus morreu para nos mostrar que existe outro modelo de vida a seguir que não o da inveja e da ambição egoísta. Eis, portanto, o âmago do pecado humano! Sendo assim, a teologia, hoje, faz todo sentido para mim, uma vez que responde à pergunta: "Como posso viver de maneira plena e abundante nesta vida?".

Este livro convida você a refletir sobre a urgência de não permitirmos que os nossos pecados se amontoem dentro de nós a ponto de construir uma muralha que nos separe de Deus, o nosso Redentor.

Embalados pelo apóstolo João em sua primeira epístola e por outros autores sagrados e clássicos, caminharemos pelas sendas do desejo corrompido, compreendendo quão perigoso ele é. João ilustra esse perigo ao apresentar a razão que levou o homem ao primeiro assassinato. Desde que esse crime foi cometido, o mundo nunca mais foi o mesmo. O pecado tentará nos dominar, mas caberá a nós, com a graça de Deus, resistir-lhe.

O pecado tentará nos dominar, mas caberá a nós, com a graça de Deus, resistir-lhe.

A grande novidade do que proponho neste livro está no fato de que, para entender a dinâmica do pecado, precisamos compreender a força do desejo humano e da capacidade que temos de imitar os desejos característicos dos modelos propostos pelo mundo caído. Estamos, assim, na corda bamba, pois aquilo que nos faz amar as pessoas pode ser também o que nos levará para longe do Senhor.

Ao final de cada seção, proponho perguntas relacionadas ao respectivo conteúdo. Sugiro que você as leia e passe alguns minutos meditando nas respostas. Em seguida, comece a se imaginar praticando o que pensou. Dessa forma, a sua mente iniciará um processo de condicionamento, a fim de que todo o seu ser se adeque a essa nova compreensão. Essa é uma das maneiras de adquirirmos um novo hábito.

Minha oração e expectativa é que o justo Cristo fale conosco de maneira profunda por meio do que apresento neste livro, convencendo-nos de que nossos afetos e desejos precisam, antes de mais nada, apontar para ele, o Redentor da nossa alma.